

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “AS TRANSMISSÕES E A GRANDE GUERRA”

pelo Coronel Aniceto Afonso na Direção de História e Cultura Militar, Lisboa

2024-06-05

Em primeiro lugar, gostaria de explicar brevemente porque é que um artilheiro (que aliás, na minha vida militar ativa, fui pouco e depois disso, ainda menos) está aqui no meio de todos estes camaradas de Transmissões. E ainda por cima, tanto quanto parece, representando um grupo de oficiais que se reconhece e é reconhecido por “Comissão da História das Transmissões”.

Eu digo sempre que a História (e é isso que eu vou fazer – contar uma história) não tem início e ninguém sabe se terá um fim. É por isso que posso andar para trás e descobrir o momento que eu julgo (porque todos podem julgar de forma diferente) ser o início da razão e do percurso desta “Comissão da História das Transmissões”.

Como muitos de nós, eu conheci o coronel Guilherme Bastos Moreira, sem dúvida uma figura sempre a recordar como iniciador que foi de um núcleo museológico que o quartel de Transmissões, em Sapadores, acolheu. Quando ele faleceu, em 2002, constituiu-se o “Grupo dos Amigos do Museu”, integrando muitos daqueles que depois ingressaram na CHT, sem deixarem de cuidar do Museu. Logo em 2003, o general Amadeu Garcia dos Santos, outra figura das Transmissões e, já agora, do 25 de Abril, teve a ideia de criar uma comissão que se dedicasse a escrever um livro sobre a história das Transmissões, e também a gentileza de me contactar no sentido de eu, que era nessa altura diretor do AHM e já tinha publicado algumas obras de História, poder integrar uma comissão que estava já em funcionamento com essa finalidade. Como amigo bastante próximo do general Garcia dos Santos, e pelo interesse que tal participação poderia ter para o AHM, aceitei com muito gosto e assisti à minha primeira reunião da Comissão ainda nesse ano no quartel de Sapadores. Ali encontrei quase uma vintena de oficiais, que eram praticamente todos meus conhecidos e mesmo alguns do meu curso e posso dizer amigos.

A ideia de fazer um livro sobre a história das Transmissões levou tempo a amadurecer, mas fomos trabalhando nesse sentido. Posso dizer que encontrei um grupo de entusiastas, prontos a fazer o trabalho necessário e eu me limitei a dar algumas orientações, e recomendar alguns procedimentos. O livro foi publicado em 2008, em edição da Comissão Portuguesa de História Militar, com o título de “As Transmissões Militares – Da Guerra Peninsular ao 25 de Abril”, sendo

hoje uma incontornável fonte para a história das Transmissões, desde os primórdios até ao fim do século XX. Os autores do projeto, indicados na ficha técnica, foram o general Garcia dos Santos, o tenente-general Pereira Pinto (que, aliás, colaborou com excelentes memórias históricas sobre a Arma de Transmissões), o major-general Pedroso de Lima e o então tenente-coronel Jorge Golias. Eu tive o privilégio de coordenar o projeto.

De caminho descobrimos uma outra figura de relevo da aurora das comunicações, Francisco Ciera, primeiro comandante do Corpo Telegráfico formado em 1810, que seria, em 2010 (200 anos depois), convenientemente homenageado, com uma placa na unidade de Sapadores, um selo e postal dos CTT e também um outro livro elaborado pela CHT e assinado por António Pedroso de Lima, um dos seus membros, e também editado pela CPHM, com o título de “Bicentenário do Corpo Telegráfico – 1810-2010”. Foi também nessa ocasião que o Jorge Costa Dias se dedicou a construir, à escala, os telégrafos de Francisco Ciera e a reencontrar os códigos então utilizados e também os processos de transmissão à distância.

Foi no contexto desta atividade que tive o privilégio de dar a conhecer aos meus camaradas o Arquivo Histórico Militar e o que faziam aquelas pessoas que quase todos os dias ocupavam a sua sala de leitura consultando manuscritos dos nossos antepassados, e em que se traduzia, para quem o experimentava, o quase mágico entusiasmo e mesmo emoção perante a descrição dos feitos ou das rotinas dos nossos avós.

E como eu guardo quase tudo, tenho grande parte da nossa correspondência desses anos de investigação, pelo que posso recordar aqui duas frases do nosso camarada António Pedroso de Lima, em que me dizia: “Peço muita desculpa, mas esta coisa das investigações é como o problema das cerejas. Vêm umas atrás das outras”; e pouco depois: “Acho que estou a ficar um bocado como Sócrates (o filósofo) quando disse – só sei que nada sei”.

O que agora essencialmente nos interessava era aprofundar o papel das comunicações na Grande Guerra, para o que fomos alertados durante a preparação do livro atrás referido.

Ao mesmo tempo que fazíamos esta investigação sobre a Grande Guerra, pudemos conceber e alimentar a primeira versão do blogue da História das Transmissões, especialmente através do apoio do José Canavilhas, e que recentemente conheceu uma segunda versão melhorada levada a cabo pelos camaradas Miguel Leitão e Manuel Martins. Pudemos também construir uma Coleção Visitável do Museu, com o especial apoio do Jorge Costa Dias e do Pena Madeira, que também se encarregaram, mais tarde, da sua transferência para o Museu Militar de Elvas. Recolhemos memórias pessoais e documentos, a cargo do Carlos Falcão e do Jorge Golias, criando um arquivo da própria Comissão que já deveria ter sido transferido para o AHM.

Participámos em conferências, exposições e publicações, muitas vezes em representação da Arma de Transmissões. Publicámos também, um pouco mais tarde, um novo livro “Janelas de Abril”, coordenado por mim e por Jorge Golias, baseado em textos escritos por 18 membros da CHT durante o período da pandemia, numa tertúlia que então constituímos e que muito nos ajudou nesse período difícil.

No meio das investigações que íamos levando a cabo, quando todas as manhãs de quinta-feira nos reuníamos no AHM, almoçando e continuando os trabalhos durante a tarde, acabámos por descobrir a maior de todas as “cerejas”, que nos veio parar às mãos – o relatório do capitão Carlos de Barros Soares Branco, chefe do Serviço Telegráfico do C.E.P. Soubemos depois, através do António Pena, que ele tinha sido publicado na Revista de Artilharia em 1924, mas nunca ninguém o tinha analisado em toda a sua profundidade.

Depois de fazermos uma leitura completa, tínhamos descoberto a forma de escrevermos o livro que procurávamos – “As Transmissões na Grande Guerra”. Foi isso o que fizemos.

Este livro que hoje apresentamos, cujo lançamento esteve previsto para Abril de 2020, mas que a pandemia impediu, contém um conjunto de estudos inéditos, com uma visão múltipla e diversa da História militar deste empenho difícil do Exército português.

O livro tem duas partes: uma sobre a análise do relatório do capitão Soares Branco e outra constituída por textos complementares.

Não me cabe, como autor, analisar a parte que esteve a meu cargo, sempre com o apoio e participação de todos os membros da Comissão. Mas não posso deixar de assinalar que abordámos, em conjunto, uma série de temas sobre as comunicações e os homens participantes no primeiro grande conflito europeu do Século XX, verdadeiros antepassados da Arma de Transmissões, para além de deixar alguns outros apontamentos gerais.

O texto de Soares Branco, como se escreve no nosso livro,

Não é um relatório de fácil consulta, mas situa-se muito acima de outros relatórios sectoriais que os respetivos responsáveis nos deixaram. É sem dúvida a primeira vez que o Serviço Telegráfico, antecessor da Arma de Transmissões do Exército português, assume a responsabilidade de planear, apoiar e executar uma manobra tecnicamente

autónoma, contribuindo, como outras, para o cumprimento da missão do Corpo Expedicionário Português em terras de França, durante a Primeira Guerra Mundial.

Permitam-me então que resuma alguns pontos da primeira parte do nosso livro, dizendo que ficaram mais esclarecidos certos assuntos respeitantes ao CEP pouco abordados ou sempre abordados com a mesma perspectiva. Dou como exemplos, e muita sucintamente, os seguintes:

- Mobilização e instrução das tropas;
- Organização, dispositivos e distribuição dos efetivos;
- Entrada em linha das unidades;
- Quadros de efetivos, tanto gerais como do Serviço Telegráfico (Quadros de autoria do Jorge Costa Dias);
- Situação psicológica das tropas;
- Período de 6 a 9 de abril de 1918, em especial os acontecimentos que levaram ao colapso da 2ª Divisão. Julgo que pela primeira vez ficam claros os factos ocorridos neste período e as razões que estão na sua base. Escolho de entre outros:
 - Memórias de Douglas Haig e de Paul von Hindenburg (nunca editadas em Português, tanto quanto eu saiba) em relação à razão do ataque alemão em 9 de abril, sendo concordantes o entendimento dos dois comandantes-chefes (pp. 134-136);
 - Ordens de operações n.ºs. 21, 22 e 23 do 1º Exército britânico, respetivamente de 23 de março, 29 de março e de 3 de abril, cujos efeitos Soares Branco esclarece liminarmente, como nenhum outro, incluindo a ordem de rendição da 2ª Divisão recebida pelas 23h00 de 8 de abril, a ser efetivada logo na manhã seguinte, ou seja, a 9 de abril (pp. 111-115).

Soares Branco escreve o seu relatório sem quaisquer compromissos de natureza política ou de disputas pessoais, o que nem sempre foi o caso com outros protagonistas, e talvez essa seja uma das razões por que ficou tanto tempo afastado do conhecimento público.

Em relação às comunicações, também é analisada pela primeira vez a atuação do Serviço Telegráfico do CEP, com base no relatório do seu direto responsável, capitão Soares Branco, e ele é tão pormenorizado que difícil é enumerar as informações que nos transmite. Fica à curiosidade de quem tiver oportunidade de ler o livro.

Gostaria agora de destacar os “Textos complementares” que fazem parte do nosso livro.

Temos assim, em primeiro lugar, um texto de Jorge Costa Dias, “Breve História das Transmissões no Exército Português até 1916”. O autor recupera uma história dos primórdios das comunicações, tanto do tempo da telegrafia ótica, como da telegrafia elétrica, até à aquisição dos primeiros equipamentos de TSF em 1916-1917. E aí nos aparecem as imagens dos dois telégrafos de Ciera, cuja construção ele dirigiu, e hoje estão no Museu Militar de Elvas.

Vêm depois dois textos assinados por mim e também pelo Jorge Costa Dias sobre a preparação do Exército para a sua prevista participação na Grande Guerra: “Da Divisão Auxiliar à Divisão de Instrução” e “As Comunicações na Divisão de Instrução, nas manobras de 1916”. São dois trabalhos inéditos, o primeiro pelos 10 quadros de efetivos que acompanham a explicação, algo que nunca tinha sido tentado e aos quais o Jorge Costa Dias dedicou muitas horas; o segundo porque ninguém se tinha debruçado sobre este tema das comunicações na Divisão de Instrução, aliás já dirigidas pelo capitão Soares Branco. Tivemos o gosto de apresentar este trabalho nas comemorações do centenário do “Milagre de Tancos”, em Vila Nova da Barquinha, a convite do respetivo presidente do município, em 2016.

A estes textos segue-se um outro assinado por António Pedroso de Lima e Jorge Costa Dias, que fazem uma análise do relatório de Soares Branco sobre estas manobras de Tancos, intitulado: “Divisão de Instrução – Relatório de Soares Branco”. Será o primeiro texto que nos dá a conhecer o apreço com que o trabalho de Soares Branco foi desde logo visto nessa missão de chefe do Serviço Telegráfico da Divisão de Instrução.

De seguida é o Carlos António Alves que assina três textos e nos introduz em plena Grande Guerra e no domínio das comunicações. São eles: “Equipamentos de Transmissões na 1ª Guerra Mundial”, “Equipamentos – A Telegrafia Pelo Solo (TPS)” e “Equipamentos – O Fullerphonne”. São trabalhos sobretudo técnicos, mas fundamentais para a compreensão dos esforços tecnológicos do tempo e dos trabalhos diários no campo de batalha. Com alguns desenhos da sua autoria, explica-nos finalmente como funcionavam esses processos e esses equipamentos experimentados no campo de batalha e melhorados pelas experiências recolhidas.

Seguem-se dois novos textos do Jorge Costa Dias, com os títulos de “Companhia de Telegrafistas do Corpo” e “As Comunicações de um Batalhão na Linha da Frente”. O primeiro vem a propósito de um outro documento assinado por Soares Branco com instruções muito precisas ao novo comandante da Companhia de Telegrafistas do Corpo, tenente João Alegria dos Santos, que constitui, de facto, uma verdadeira carta de comando, como é raro acontecer. É um documento tão inesperado e tão valioso que o Jorge Costa Dias entendeu transcrevê-lo na íntegra. O segundo é um relatório do alferes José Augusto do Carmo, chefe da Secção de Sinaleiros do Batalhão de

Infantaria 1 da 6ª Brigada. Trata-se de outro documento curioso, capaz de nos fazer entender de forma clara como funcionavam as comunicações a este nível e portanto merecedor de ser também transcrito na íntegra.

Como nota breve eu acrescento que existem muitos outros documentos notáveis que não tiveram lugar nesta publicação, mas que não deixam de ser dignos de figurar no blogue da história das Transmissões, devidamente enquadrados e comentados. Estão à espera de quem se interesse pela continuação destes estudos.

Temos, na sequência, um texto do Edorindo Ferreira, com o título de “A Telegrafia Sem Fios do CEP”. Como o autor nos diz tratava-se de uma nova tecnologia a utilizar no campo de batalha, que embora previsto na sua orgânica pouco chegou a funcionar no CEP, devido a várias dificuldades de equipamentos e da sua operação. Mas foi uma tecnologia que nunca mais deixou de se desenvolver.

Regressa agora o Jorge Costa Dias, com um texto intitulado “Serviço Telegráfico do CEP – O Corpo de Exército”, que podemos considerar como o resumo de todo este livro no que respeita às Transmissões. Permitam-me que destaque o trabalho do Costa Dias para este projeto da CHT. Ele foi um estudioso entusiasta e persistente, com um inestimável contributo. Todos os quadros de efetivos constantes do livro e, em especial, deste artigo, são da sua autoria, resolvendo de vez uma questão que sempre se coloca nas análises históricas: saber “quem”. Pois os quadros não só nos dão os números, como nos indicam a organização e distribuição das unidades e do pessoal. É um notável contributo.

Finalmente o António de Oliveira Pena termina o nosso livro com um destaque absolutamente necessário – a biografia do oficial de Engenharia Carlos de Barros Soares Branco, que, como capitão, chefiou o Serviço Telegráfico do CEP, que nos deixou um relevante relatório das suas funções, e que veio a desempenhar outros importantes cargos, como o de vice-governador do Banco de Portugal durante 20 anos, atingindo o posto de Tenente-general. Hoje, graças às constatações que resultam deste livro que aqui apresentamos, e do estudo que sobre ele fizemos, Soares Branco transformou-se numa figura relevante das Transmissões Militares.

Antes de terminar a minha intervenção, que já vai longa, quero referir outros camaradas, que também participaram nas investigações que foram a base deste trabalho ou nos acompanharam e incentivaram, mas que não tive oportunidade de nomear antes. São eles Armando Praça, Carlos Rosado, Fialho da Rosa, José Gardete, Bento Soares, Maia de Freitas, e também João Martins

Alves, Pinto de Castro e José Canavilhas, três assíduos investigadores, assim como Almeida Viana, a quem dirigimos um abraço de muita amizade.

Gostaria também de lembrar outros camaradas que estiveram connosco na CHT, e que por motivos de saúde e outros ou por nos terem deixado, merecem sempre uma palavra de incentivo ou de saudade. São eles, talvez entre outros, os nossos camaradas, Góis Ferreira, Bastos Moreira, Honrado Gomes, Cruz Fernandes. Por último uma palavra de gratidão aos sucessivos comandantes da Unidade de Transmissões de Sapadores ou da Direção que, por inerência, foram integrando a CHT.

Falta uma reflexão final.

A responsabilidade de decidir pertence, em termos militares, a quem comanda. E na hora de decidir (ainda mais se estiver no campo de batalha), quem comanda nem conhece todas as informações que poderiam influenciar a sua decisão, nem tem tempo para aguardar a chegada dessas informações. Decide baseado no que conhece naquele instante. Acontece que, muitas vezes, quem faz a história tem tendência para ignorar a circunstância, e apreciar os factos com base na informação que hoje possui, e que o decisor não conhecia. A prudência é por isso uma boa conselheira para o historiador.

Foi isso que tentei transmitir aos meus amigos e camaradas que, num certo período da nossa vida, resolveram recuperar uma História que não era conhecida. É agora tempo de passar o nosso testemunho a novos membros da Comissão da História das Transmissões. Há muito ainda por fazer. E eu acho, representando todos os membros da CHT, que vale a pena fazê-lo.